Revista Brasileira de Educação em Geografia
www.revistaedugeo.com.br
ISSN 2236-3904



ENTREVISTA

Profa. Dra. Helena Copetti Callai

O ensino e a pesquisa da Geografia para os anos iniciais do Ensino Fundamental

A professora Helena Callai possui graduação em Geografia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ijuí (1973), mestrado em Geografia (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo (1983) e doutorado em Geografia (Geografia Física) pela Universidade de São Paulo (1995). Realizou seu Pós-doutorado pela UAM - Universidade Autonoma de Madrid e é pesquisadora do CNPq. Atualmente é professora titular no DHE - Departamento de Humanidades e Educação da UNIJUI - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Atua no Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências na UNIJUI e orienta no mestrado e doutorado em Geografia na UFRGS. É professora visitante na Universidad Academia de Humanismo Cristiano/Chile. Tem experiência de ensino e pesquisa na área de Geografia, com ênfase em Ensino de Geografia, atuando principalmente nos seguintes temas: geografia, educação, ensino, aprendizagem e ensino de geografia, e em currículo e formação de professores, para o ensino superior e escola básica.

Denis Richter e Vanilton Camilo de Souza: Gostaríamos de começar perguntando sobre sua trajetória escolar até chegar à Geografia.

Helena Copetti Callai: Inicialmente, quero agradecer presencialmente a vocês dois Denis e Vanilton e, de maneira virtual, à Carolina, à Liz e ao Rafael pelo convite para essa entrevista. Quando eu recebi o primeiro e-mail do Rafael, eu fiquei pensando que há 30 anos que eu tenho essa preocupação a respeito do ensino nos anos iniciais e que a gente não está conseguindo resolver seus problemas porque a escola não muda, a escola continua e reforça isso que nós criticamos. Então, de certo modo, e para mim é uma honra participar de uma Revista que vai abordar os anos iniciais para que possamos pensar, dizer para vocês e ao dizer, me ouvir e pensar essas questões que fazem parte das minhas pesquisas. Então, por que eu cheguei à Geografia? Na época do vestibular eu queria fazer filosofia, no entanto, a questão que eu me fazia era: "*como é que eu vou trabalhar?*" Eu cursei Estudos Sociais, que tanto naquela época como até hoje é muito criticado. Mas, eu estudava numa faculdade que era comprometida com a vida. Acho que essa é a questão maior de todas: o comprometimento com a vida. Naquela época, a faculdade que cursei era voltada para formar professores e nos desafiava a pensar a vida; a vida da humanidade, a vida de nossos jeitos e de nossa sociedade. Então, eu pensava: "*vou me formar professora e eu vou ser professora com estes princípios desta faculdade"*. A antiga Faculdade de Filosofia (FAFI) da Unijuí[1] foi uma faculdade onde, na época da ditadura, no período mais fechado, recebeu gente de muitos lugares da América Latina (que não podia ficar em seus países por causa das ditaduras) e, mesmo aqui do Brasil. Eles eram acolhidos pelos Capuchinos que trabalhavam nessa Faculdade. Era um lugar onde se dava voz para todos os sujeitos e isso permitia oxigenar as ideias. Então, fui fazer Geografia começando pelos Estudos Sociais e ali já começaram as minhas dúvidas: "*se tu vais trabalhar com criança como é que tu vais trabalhar com uma Geografia que separa o mundo da natureza com/do mundo humano?*" E eu sempre pensava nesses exemplos relacionando a vida dos alunos com a Geografia: "*se uma criança vem para a escola e enxerga uma geada grande, como o professor pode trabalhar com isso abordando a Geografia?"* Ele terá que relacionar a geada ao espaço que nós moramos. "*Porque o clima é assim aqui no Rio Grande do Sul? O que significa viver numa zona subtropical?"* Significa ter agasalhos para enfrentar aquela geada e enfrentar aquele frio! "*E o que significa, no outro período, aquele calor intenso? Como as pessoas vivem naquelas*

[1] Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, localizada em Ijuí, Rio Grande do Sul.

condições climáticas que tem a ver com as suas moradias, com as possibilidades de ter acesso aos bens que necessitam?" E a partir daí buscar as explicações científicas sobre o clima, as populações, a organização do mundo, e todos os demais temas da Geografia que serviriam para explicar aquela realidade. Para mim este era o problema, porque não ensinamos a partir daquilo que é presente na vida da criança. Mas para isso, é fundamental pensar que toda criança tem uma história e também se perguntar qual seria essa história. Então, eu sempre abordava a História e a Geografia, mas minha tendência maior era pensar a Geografia Humana. Uma vez escrevi um texto abordando o físico como recurso para estudar Geografia. Não pensava a Geografia física pela pelo físico isolado. Pensava como é que podemos trabalhar as questões do mundo da natureza para explicar o espaço construído. Essa era minha questão de sempre. E daí, bom..., eu fui ficando nos Estudos Sociais e logo que saiu a plenificação, fiz o curso de Geografia. Voltei a pensar em fazer Filosofia por considerar que isso me puxava um pouquinho a pensar para além do conteúdo. Mas a Geografia trabalhada, inclusive na faculdade, abordava os temas extremamente fragmentados o que não me agradava. No entanto, eu tinha o repertório de todos os outros colegas que eram da História, da Filosofia e do próprio movimento estudantil onde questionávamos tudo, duvidávamos de tudo, e isso já foi criando novas mentalidades. Então, foi por aí que eu diria que começou meu envolvimento com a Geografia.

D. V.: Fale um pouco sobre sua trajetória acadêmica. Como foi sua formação em Geografia? Quais foram suas referências? Quais eram os autores importantes na época?

H.: Inicialmente, meus referenciais não eram autores da Geografia, mas autores que pensavam a questão pedagógica e que pensavam a escola. Por quê? Se a escola tem que ensinar Geografia desde os anos iniciais até o final da escola básica, tem que haver algum motivo. Então, recorri à História da Geografia, à epistemologia da Geografia para compreender como é que se construiu essa disciplina. Nessa trajetória tive uma parceira na Unijuí, (aliás, vários colegas que hoje atuam em outras universidades passaram por lá), que foi com a Professora Dirce Suertegaray[2]. Trabalhávamos nos cursos de Estudos Sociais e no de Geografia. Também fizemos mestrado juntas na USP, ela na Geografia Física e eu na Geografia Humana. Essa condição nos provocava e essa parceria nos permitia discutir sempre e tentar dar o passo para frente. Participamos juntas das

[2] Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Ex Diretora da Associação dos Geógrafos Brasileiros, na gestão de 2000-2002.

primeiras reuniões da AGB no Rio Grande do Sul. Ela foi embora, mas a gente nunca se desligou totalmente. No mestrado, eu quis fazer uma análise marxista da região noroeste do estado do Rio Grande do Sul, pois era isso que se estudava na Unijuí. Então, era com esses teóricos com essas reflexões teóricas que eu tinha que pensar a Geografia. E chegavam-me a perguntar: *"Se a Geografia serve para descrever coisas, como é que você vai fazer uma análise, uma reflexão?"* Principalmente uma análise critica onde os embates não eram fáceis. No entanto, a convivência na USP, foi oportunizando muitos avanços, não apenas de discursos, mas com fundamentos teóricos. A gente já lia os livros do Milton Santos, mas foi na USP que eu assisti a primeira palestra dele. Foi também no mestrado que eu li o livro do Ives Lacoste "A Geografia, isso serve antes de mais nada para fazer a guerra". Nele, achei discussões que venho trabalhando até hoje que é a questão da escalaridade diferencial. Esta é uma questão que tenho me dedicado e acho que resolveria o problema dos anos iniciais, que ainda fica estudando o meio próximo, seguindo numa sequência linear de espaços fragmentados. Voltando ao Milton Santos, quando eu ouvi sua palestra, eu guardei (de minha parte, talvez algo que queria ouvir) uma coisa que dizia mais ou menos assim: *"e´ a primeira fala que faço no Brasil e estou emocionado, não de cabeça mas de emoção, por que? Porque é minha casa, é minha morada, é o meu espaço e é meu espaço que me faz me sentir vivo"*. A partir de então, eu tive a certeza que deveria estudá-lo com profundidade. Antes disso, a gente comprava os livros do Milton Santos na Argentina, que tinha muitas traduções para o espanhol. Depois é que começaram a ser traduzidos para o Português. Eu ainda tenho os que estão em espanhol. Então, para mim essas foram as referências principais, e por ter tido o privilégio de estudar numa universidade como a USP, que fazia o exercício da crítica, não só pelos professores, mas também pelos próprios colegas e pelo grupo que se tinha lá. Os clássicos da Geografia e os autores nacionais passaram a fazer parte do meu repertório de estudos. O que busco nesses autores são as possibilidades de encontrar ferramentas intelectuais para discutir o ensino da Geografia. As bases, é claro, são as pesquisas da ciência geográfica. Outra coisa que eu acho que tenho que dizer, por considerar importante, é o papel da pesquisa na formação do professor. A Geografia foi o primeiro curso da nossa universidade (Unijuí) a implantar o TCC (trabalho de conclusão de curso). Mas como era uma disciplina que não constava no currículo proposto, a denominamos de Geografia Regional IV. De qualquer forma, era nessa disciplina que o aluno tinha que fazer o trabalho de conclusão de curso. E o que isso significava no seu processo de formação? Que ao fazer uma pesquisa – essa é a questão que eu acho importante – ele tinha que estudar, ensinar e aprender pela própria pesquisa. É através da

pesquisa que se consegue avançar. E, tendo esse olhar pela pesquisa na formação de professores, pode-se encaminhar para a sua autonomia como sujeito e profissional, que tem um pensamento próprio, construído a partir dos aprendizados com as devidas reflexões.

D. V.: Quando e por que ocorre o seu envolvimento com o ensino de Geografia para aos anos iniciais?

H.: Eu dava aula também no curso de Pedagogia, onde havia uma disciplina chamada Introdução aos Estudos Sociais e outra disciplina que se chamava Metodologia dos Estudos Sociais (trinta horas para cada uma delas). O que dava para fazer? Não havia muito interesse por parte dos futuros professores para este nível de ensino em estudar Geografia. Mas interessava aos alunos fazer atividades mais práticas para trabalhar depois em sala de aula, do tipo: como fazer uma maquete, como mostrar o relevo, como fazer uma rosa dos ventos, como ensinar pontos cardeais, etc. São todas coisas importantes, mas que não é isso que vai fazer com que o aluno aprenda a Geografia e a pensar o espaço em que vive. Parece que essas preocupações continuam até hoje, e vejo isso com meus orientandos de mestrado que continuam a encontrar em suas pesquisas problemas similares, ou seja, pouco se conseguiu avançar. Por isso, me surpreendeu quando vocês me perguntaram isso e eu fico pensando que minha questão com os anos iniciais é tentar pensar a partir daquilo que está mais próximo do aluno, mas fazendo-o pensar para além da casa dele, ampliando sua capacidade de aprender, levando-o a questionar o que aprende, a levantar hipóteses que possam ser analisadas e avaliadas. Mas ao questionar também o lugar onde vive – categoria esta que tem se constituído prioritária no ensino de Geografia – não se pode esquecer do mundo. Minha preocupação tem sido, então, em dar as condições para que as crianças avancem no conhecimento espacial, sem as enclausuramos (e o lugar em que vive) a estudar somente o que está no seu meio próximo. Ou seja, elas precisam compreender que as explicações sobre o que acontece no seu lugar de vivência não dependem exclusivamente do lugar. Isso sempre me chamou atenção. Outra questão: para que serve a Geografia nos anos iniciais? A Geografia pode servir para pensar o espaço, daí eu chego numa outra grande questão que eu diria o seguinte: em qualquer lugar eu só vou conseguir ensinar e estudar Geografia se eu conseguir desenvolver o pensamento geográfico. Mas o que que é o pensamento geográfico? É pensar a partir da dimensão espacial, do espaço construído. Para isso nós precisamos ter conceitos próprios e esses conceitos são que nos vão dar as

ferramentas intelectuais para fazer a Geografia, para sustentar esse pensamento geográfico. É isso que diferencia o pensamento geográfico do pensamento histórico, sociológico, matemático, etc. Se nós não conseguirmos entender o pensamento geográfico nós vamos ficar repetindo e fragmentando o ensinar. Então, eu penso que nós conseguiremos desenvolver o pensamento geográfico com as crianças pequenas, tais como: noção de lateralidade, de localização e de orientação a partir do conhecimento do senso comum e sendo orientadas de modo a construir os conceitos científicos, fazendo abstrações e argumentando a respeito do que observam, a partir de uma matriz conceitual que é da própria ciência geográfica.

D. V.: Inicialmente suas publicações para o ensino de Geografia dos anos iniciais circunscreviam na perspectiva dos Estudos Sociais. Como você se posiciona sobre essa concepção atualmente?

H.: Pois é! Acredito que trabalhar com Estudos Sociais não é o problema. O professor que está dando aula para estes primeiros anos não sabe Geografia e não vai aprender Geografia do modo como tem sido os cursos de formação de professores para este nível do ensino. Aliás, temos um problema bastante complexo e contraditório, que é que nos anos iniciais o professor não conhece os conteúdos de Geografia que devem ser trabalhados e nos anos finais os professores não tem a dimensão pedagógica dos conteúdos que trabalha. Várias pesquisas têm mostrado isso. Acredito, que independente do nome (Estudos Sociais), a questão é maior que a terminologia, pois o que falta é ter o conhecimento e a compreensão do que seja o pensamento espacial, e este exige mais do que simples denominações. Mas é certo que não devemos ficar na abordagem de conteúdos deslocados de um quadro maior de referência, pois entendo que cada disciplina tem o seu caráter especifico que são os conteúdos, mas que isolados e fragmentando a realidade não tem significação na aprendizagem das crianças. Portanto, o caráter científico deve ser trabalhado desde os anos iniciais, mas além da especificidade há que se ter a dimensão social destes conteúdos, que nos é oportunizada pelo pedagógico, que é o modo de tratamento dos conteúdos. E isso leva à possibilidade de fazer questionamentos, de levantar hipótese desde que a criança tenha acesso ao conhecimento que é produzido pela humanidade e neste contexto estão os conhecimentos que a ciência geográfica produziu. Então, para fazer isso podemos estudar conteúdos geográficos com as crianças a partir dos problemas encontrados no cotidianos (o exemplo da geada). É a partir dessa perspectiva que a criança vai

aprendendo o conteúdo e também vai conseguindo entender o que lhe é ensinado. Então, eu diria... "*eu quero saber agora como ensinar Geografia junto com História e sociologia a partir da elaboração hipóteses para entender o mundo, construindo os entendimentos, tendo acesso as informações e compreendendo a espacialidade em que vivemos"*. Ter um pensamento geográfico e compreender a dimensão espacial em que cada sujeito vive não é possível apenas a partir das informações ou do treinamento para desenvolver certas habilidades. Nesse sentido, eu escrevi um texto intitulado "*Grupo, espaço e tempo nas series iniciais",* que foi escrito a partir de reflexões exatamente para tentar encontrar estas respostas. Não foi por acaso que esse texto foi escrito por mim e por um professor de História, em que discutimos e pensamos juntos o texto, pois eu acho que uma coisa não dá para separar da outra, e nessa idade as crianças não tem o mundo fragmentado (ainda). Somo nós que o fragmentamos e fragmentamos artificialmente. O nome que se dá para esta perspectiva de ensino pode ser o de menos! Não sei. Eu não diria que é problema pensar na perspectiva dos Estudos Sociais, porque eu não tive estudos sociais alienado, nós não respondíamos as regras das orientações a partir das políticas públicas que diziam que Estudos Sociais tinha que ser aquela formação rápida, fechada e acrítica, para adaptar o sujeito ao meio em que vive.

D. V.: Como você avalia o ensino de Geografia nos anos inicias na atualidade? Quais desafios e possibilidades para essa etapa escolar?

H.: Está muito precarizado, pois se limita a fazer ações a partir de resoluções de exercícios, que no máximo oportunizam o desenvolvimento de determinadas habilidades. E para que isso ocorra estão as sugestões de temas e de estratégias que o professor tem nas orientações para desenvolver como exigência curricular. É recorrente a proposição dos círculos concêntricos, em que o ensino deve partir do "eu" e ampliar os espaços e complexificar as informações e avançar em direção aos problemas do mundo. Isso caracteriza uma linearidade que não responde as exigências da aprendizagem, pois o mundo não é linear. A vida é extremamente complexa e os problemas que acontecem em determinados lugares são globais. Os alunos estão situados num determinado lugar e a partir daí podemos fazer o estudo do lugar, mas com a perspectiva da complexidade que considera a diversidade de experiências, as culturas e as características das infâncias que trazem consigo singularidades que precisam ser consideradas. Avançamos, então, para uma nova perspectiva de ensino, em que existe um conteúdo a ser desenvolvido e que este conteúdo tem a ver com o mundo comum. A vida das crianças acontece em

lugares e tempos específicos e diante disso podem ser estabelecidos os caminhos para a aprendizagem, no confronto e no diálogo a partir do senso comum para a construção dos conceitos científicos. É fundamental superar a Geografia enclausurada que não encaminha ao desenvolvimento do pensamento. Aprender a pensar, pensando o mundo, lendo o espaço construído, e neste âmbito desenvolver as habilidades, que podem encaminhar a criança a se situar como um sujeito no mundo, que ocupa um espaço e que pode ter a sua contribuição na construção do mesmo. As habilidades são desenvolvidas a partir de estratégias, que respondam a construção dos conceitos a partir da abordagem dos conteúdos. Enfim, o ensino da Geografia nos anos iniciais que fragmenta o mundo é superficial e auxilia apenas a desenvolver habilidades. Mas não o contextualiza no mundo da vida, o que é o desafio principal, e que pode ser encaminhado na medida em que se tenha claro quais são os conceitos que definem o que é Geografia e que auxiliam na formação do pensamento espacial. Esse é o grande desafio e a pergunta pode ser se temos claro o que é o pensamento espacial e para que ele serve, e como pode ser desenvolvido.

D. V.: Um dos grandes dilemas dos anos iniciais, ainda na atualidade, é a formação docente. De que forma a Geografia pode contribuir na formação dos professores dos anos iniciais?

H.: Eu acho muito difícil a formação dos professores para os anos iniciais. Não quero entrar na discussão a respeito dos cursos da formação específica para este professor, mas pensar como pode a Geografia estar neste contexto. Acredito que seja possível dar início ao desenvolvimento do pensamento espacial na própria formação inicial. Existindo essa possibilidade, a Geografia será um dos componentes para contribuir, desde a alfabetização, na leitura e compreensão do mundo. A grande pergunta que nos cabe diz respeito se possível ou não que a(s) disciplina(s) da Geografia nos cursos de formação de professores dos anos iniciais sejam de conteúdos geográficos, para, a partir destes fazer a reflexão sobre a espacialidade e compreender que o espaço é construído pelos homens em sua trajetória histórica. O lugar onde vivemos não resulta de acasos, mas resulta do tipo de relações entre os homens. É a partir a construção dos conceitos básicos da Geografia (que devem estar claros) é que poderemos fazer o elo com os conteúdos escolares. É na formação inicial que cabe desencadear esses processos. Já na formação continuada a tônica deve ser a mesma, que tem continuidade no exercício profissional de ser professor. E a base de tudo é o ensino e a aprendizagem pela pesquisa. Pesquisa,

não de recolher informações, mas de sistematizar as aprendizagens, organizar os conhecimentos, e fazer a reflexão continuada. E este processo exige o tempo de registro das ações, para perceber as aprendizagens, desenvolvendo o pensamento espacial. Se as licenciaturas fossem mais integradas, a gente não separaria tanto a formação do professor, podendo articular aspectos entre a Geografia e a Pedagogia, pois qualquer conteúdo tem uma dimensão técnica e uma dimensão pedagógica. Na formação do professor as áreas não dialogam entre si. Eu também diria uma que essa integração não ocorre nem mesmo entre a licenciatura e o bacharelado. Nós temos que ensinar conteúdos para um bacharel, que será um técnico da Geografia. No entanto, ele tem que aprender e compreender o significado dos conteúdos, pois hoje, qualquer profissional tem que se formar em dimensões mais integradas com outras áreas e a dimensão pedagógica ou perspectiva social é fundamental. Com o professor dos anos iniciais também. Então, tanto na formação docente quanto nos demais cursos de graduação, todos têm esse problema, pois nós pensamos em cursos que são muito técnicos e fragmentados e com o olhar voltado para o mercado. Os professores têm dificuldade de pensar o todo. E esse todo eu o chamo de social, que é a dimensão da vida humana. Mas, de fato o nó, ou seja, a centralidade do problema está na formação do professor que atua nos anos iniciais, e essa discussão é muito importante.

D. V.: Considerando sua trajetória com mais de 30 anos de pesquisadora no ensino de Geografia, como a senhora avalia as pesquisas realizadas na últimas décadas? (Temáticas, metodologias, concepções e as abordagens)

H.: Bom! As pesquisas no ensino de Geografia têm ocupado nos últimos anos um lugar significativo no contexto das pesquisas em Geografia. No meu caso, durante o doutorado na USP, eu tenho que registrar isso, eu, Sônia[3] e Lana[4] iniciamos uma parceria que dura até os dias atuais. Tínhamos os mesmos interesses, pesquisávamos a mesma temática, tínhamos os mesmos problemas e nós queríamos dar força para essa linha. Isso nos desafiava. E quanto maior é o problema, mais a gente teve que aumentar as parcerias para conseguir avançar, inclusive com colegas de universidades de outros países, como Espanha, Portugal, Itália, Chile, Colômbia e Argentina. Nessas parcerias internacionais, pesquisamos conjuntamente, desenvolvemos mobilidade acadêmica com nossos alunos

[3] Sonia Maria Vanzella Castellar, professora da Faculdade de Educação da USP.

[4] Lana de Souza Cavalcanti, professora do Instituto de Estudos Socioambientais da UFG.

da pós-graduação, realizamos eventos e publicamos muito. Então, hoje, eu diria que nossa linha de pesquisa no ensino de Geografia não é caseira. Ela é forte no Brasil e em outros países. Eu diria que tem um grupo de vanguarda no Brasil articulado com vários grupos na América Latina. Por que de vanguarda? Porque fazemos pesquisas cientificas, com fundamentos teórico-metodológicos próprios para as pesquisas acadêmicas, temos um cuidado cientifico com a pesquisa. Se as pesquisas nas Ciências Humanas eram depreciadas no passado (com marcas de não cientificidade), as de ensino de Geografia eram mais ainda. E a gente conseguiu conquistar lugares em espaços de pesquisa significativos, como a ANPEG[5], por exemplo, onde já existem dois grupos de trabalho importantes. Bom, tem a questão da temática e a questão da metodologia, que ainda é muito presente no sentindo de se adotar uma metodologia cartesiana e aplicar no mundo que não é único e que tem muita diversidade. No mundo que é de gente, que é um mundo que tem uma história social construída, onde você não tem uma verdade absoluta, você não pode simplesmente medir. E daí, já ligando para as concepções e abordagens, eu diria o seguinte: minha preocupação maior é com a questão teórica e dela desdobra a questão metodológica, porque se eu tenho uma postura teórica eu sei qual metodologia eu vou usar. Não ao contrário. A ação humana é histórica e socialmente construída, logo, o espaço é socialmente construído. A questão é: a quais teorias ou a qual postura teórica eu referencio em minhas pesquisas? Não adianta eu ficar fazendo uma pesquisa e ficar citando autores aleatoriamente. Tenho que entender quais posturas teóricas esses autores têm para me dizer. Ou seja, é a partir do que os autores apresentam, do entendimento do que eles pensam que vou poder usar esta ou aquela metodologia. Hoje, também, está muito na moda o trabalho com hibridismo teórico, pois não há uma verdade absoluta. Então, tem uma postura em que é a partir da linguagem, o que está posto é que tu podes analisar. É através daquilo que me dizem, eu não conheço a coisa em si. Então, eu tenho que estudar a fundo aqueles autores para ver com qual metodologia eu vou operacionalizar em minha pesquisa. Eu não posso ter uma determinada postura apriorística e a partir daí aplicar uma pesquisa, um questionário e quantificar os dados e dizer: tanto por cento, tanto por cento e tanto por cento. Eu tenho que explicitá-los à luz da teoria que defendo. Não é problema usar dados, mas sim como e para explicar o quê? Isso precisa estar claro. A questão, então, é esta: não existe uma metodologia a priori, existe uma metodologia de acordo com a postura teórica, a partir da hermenêutica, a partir da pergunta elaborada. Você só avança se estabelecer o diálogo

[5] Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia

entre o teórico e o metodológico. Tem que ter coerência. E mais, na pesquisa sobre ensino e educação há que se ter igualmente os referenciais da educação, que são fundamentais para compreender o ensino e a aprendizagem.

D. V.: Quais as suas considerações sobre a BNCC?

H.: É uma questão polêmica, pois o Brasil é uma república federativa dividida em estados e municípios. Também tem características regionais diferenciadas, tanto de natureza, de grupos populacionais, de culturas, de riqueza, de desvalorização, de exclusão. Também tem a questão que estados e municípios têm funções específicas no sistema nacional de ensino. Por isso eu acho que não é possível alguma coisa única para reger o ensino em todo esse Brasil. Em termos de uma base de currículo único, isso me soa muito autoritário. Alguém que define um currículo e que agora todos terão que aplicar em todos os lugares... E o que sobra para os conteúdos regionais, locais? Também tem o problema dos livros didáticos, pois não abordam a questão regional e local e não trabalham com o pensamento geográfico. Não trabalham, na maior parte deles, como um conteúdo de Geografia que possa ajudar a pensar o mundo. Então, eu acho difícil a Base Nacional apontar uma postura única para todo Brasil. É uma perspectiva de homogeneização e é uma proposta autoritária que vem de cima para baixo. É algo que vai contra aquilo que a gente falava antes: se eu vou estudar a partir de um problema, eu tenho que pensar o problema no mundo real e eu tenho que ter o pensamento geográfico para desenvolver esse estudo. Isso sem considerar as condições de trabalho dos professores. Quando não dá certo, o professor acaba sendo o vilão. Só que o professor não é vilão, pois ele não tem a formação adequada, ele não tem as condições adequadas para implementar uma proposta que é externa a ele, à sua escola. É dito para o professor que essa proposta é só uma sugestão, mas sugestão para que? Para depois fazer os exames, os exames que avaliarão o mérito, que darão a bonificação, que darão a premiação, que avaliarão a escola, que marcarão as posições do Brasil nos rankings internacionais de avaliação? É uma proposta desse mundo onde as regras são as regras de mercado e se nós não queremos nos submeter a formar uma pessoa fechada e que pensa igual a todos os demais, fica difícil aceitar a Base. Nos interessa formar uma pessoa que tenha uma perspectiva crítica, que discuta as possibilidades e que saiba os conteúdos e que não decore simplesmente os mesmos. Eu tenho que ensinar o aluno a saber pensar, e para nós professores de Geografia cabe ensinar o pensamento geográfico e a Base não dá conta disso. A diversidade não é considerada nesse documento, e no mundo atual em

que a diversidade é o ponto mais problemático da cidadania, a diversidade não está considerada. Enfim, sobre as BNCC, acredito que seja importante uma referência geral que balize o ensino em todo o Brasil, mas que estabeleça referenciais que atendam as demandas de uma população diversa e de regiões diferenciadas. Uma Base que considere que o acesso ao conhecimento deve ser disponibilizado a todos, mas para isso há que ser pensado o papel do professor nesse trabalho.

D. V.: Quais os desafios para o ensino da Geografia na atualidade?

H.: Bom, eu diria assim: se pensarmos na sociedade, a Geografia seria essencial para conseguirmos nos entender como sujeitos no mundo e para entendermos que o espaço construído é resultado do nosso trabalho e a da forma como nos relacionamos com os outros. Só entenderemos isso a partir do momento que nós pudermos entender o outro. A nossa relação com a natureza é decorrente disso. Se é uma relação de exploração entre os homens, vai ser simplesmente uma relação de exploração com a natureza também, e é isto que nós estamos vivendo. Tem jeito de mudar isso? A gente tem discutido muito isso lá na linha de pesquisa do meu programa em educação da Unijuí. Acreditamos que há possibilidades de movimentos que possam alterar essa lógica. Sabemos que gente tem que sobreviver e para sobreviver tem que se sustentar, tem que trabalhar, tem que entrar no mercado, tem que entrar nas regras. Então, eu diria o seguinte, sem apologia: se mais gente soubesse que com a Geografia poderíamos ser melhores cidadãos, poderíamos ser mais solidários e poderíamos entender o mundo melhor. Mas a Geografia que é ensinada na escola é uma Geografia tão triste! Quando o pessoal ouve a gente falar dessa Geografia que acreditamos, perguntam: "*mas isso que é Geografia? Essa que é a Geografia de vocês? Não é aquela outra?* Agora, como é que faremos para essa Geografia chegar à escola? Eu aposto na adesão da pesquisa em ensino. Eu penso que a partir da pesquisa se pode fazer alguma diferença. Então, a questão teórico-metodológica deve ser articulada como força e como potência para pensarmos na contribuição da aula de Geografia para essa outra sociedade que queremos construir. Esse seria um desafio. Outro desafio é sobre o papel da escola. A escola é para ensinar conteúdo, é para ensinar o processo de abstração, e daí encaminha-se a construção dos conceitos. É isso que a escola tem que fazer, porque a humanidade produziu um conhecimento e a escola existe para isso, para fazer esse conhecimento chegar até os alunos. Mas existe uma dimensão pedagógica, nisso aí: que é o que o professor vai fazer com o contexto em que ele atua. É aí que eu penso que está o papel do professor, não só dos anos iniciais, mas se ele

começar nos anos iniciais, a coisa ficará marcada para sempre. Esse elo com o pedagógico é estudar a partir do contexto do lugar. Agora, a pergunta é: estudar o lugar como? Não como uma localidade, não como um lugar que na perspectiva de uma escala de analise permita pensar o aqui e o lá, o agora, o antes e o depois também. Então, eu penso que não tem problema de começar pelo bairro, mas tem que se ter a ideia, o pensamento geográfico anterior de começar pelo bairro. O lugar tem que ser aberto, não pode ser reduzido à localidade.

D. V.: Observando sua trajetória e carreira como professora universitária, observamos que a senhora ocupa um lugar de destaque nas pesquisas sobre ensino de geografia, mesmo atuando em universidade localizada no interior do Rio Grande do Sul. Fale um pouco de suas estratégias, dificuldades, conquistas, e renuncias das suas escolhas profissionais…

H.: Renúncias... Não poder viajar mais por causa dos custos, das distâncias e da família!?! (risos) Para começar, eu responderia com uma pergunta: "*por que é que temos tantos ex-alunos nossos, da Geografia, nesse Brasil afora, atuando como professor da educação básica, professor de universidades, professor de pós-graduação, professor da rede pública?*" São muitos! E atribuo isso à minha universidade que é comunitária e tem uma história que lhe dá essa marca. Esse caráter comunitário foi muito importante na minha trajetória. Mas por que em Ijuí? Porque era um lugar onde tínhamos a possibilidade de dar a voz ao outro. Isso eu aprendi lá: "*dar a voz ao outro.*" Logo, também ser ouvida. Eu penso que os capuchinos faziam a diferença na Faculdade de Filosofia e por isso os cursos de humanidades eram fortes na Unijuí. Além disso, o convívio com esses professores, que eram grandes intelectuais e colegas, também nos desafiava constantemente. Então, o meu desafio era: "*eu tenho que avançar, e ir adiante*". Mesmo sendo do interior, foi na Unijuí, na FAFI, que foi possível a gente ser protagonista. E ser protagonista no/do lugar e para além no/do alugar exige uma série de condições, até termos que investir recursos próprios em muitas coisas que fazíamos e ter que dar conta de encarar certas críticas que muitas vezes eram pesadas. A principal dificuldade enfrentada por conta da localidade sempre foi a distância. A distância é um problema. Algum tempo atrás nosso convívio era maior com os argentinos, fato que nos permitiu a construção de uma identidade de fronteira (isso nos faz entender também o conceito de fronteira, que não é de limite). A fronteira é aquele lugar de acolhimento da diversidade e onde tu podes produzir outras verdades. E produzir outras verdades ninguém nos

impediu, nem como aluna e nem como professora daquele lugar. Em relação às conquistas, destaco o fato de hoje ser uma professora pesquisadora do CNPq, como já disse, pelo reconhecimento. Outra conquista, eu acho que a oportunidade de ir para o mundo, talvez um pouco mais tarde de que vocês. Por quê? Pelas condições. Condições históricas, condições políticas, condições do território brasileiro. Destaco, também, as questões familiares como dimensão preponderante na constituição desse lugar, lugar da minha vida cotidiana, dos meus convívios. Bom! Renúncias. Olha eu não tive que renunciar nada pensando em família. Eu e o Jaeme dividimos tudo, e os nossos filhos aprenderam a dividir tudo como nós, eles já estavam vivendo como nós. Quanto à escolha profissional me inscrevi uma vez para fazer concurso na UFRGS, e não fui fazer. Um dia antes da prova paramos para pensar: *"Bom se eu for aprovada, onde nós vamos morar? Nós queremos morar em Porto Alegre?"* Decidimos, não. Nosso lugar é em Ijuí, com a nossa história e com a nossa instituição. Então, em termos de escolhas profissionais eu diria que eu não estou numa universidade pública porque eu não fui fazer concurso, podia não ter passado, mas não fui fazer. E, não é porque eu não estou lá que eu não tenho acesso aos diversos lugares, diversos contatos. Inclusive, atuei como colaboradora da pós-graduação em Geografia da UFRGS desde o seu início, orientando sobre o ensino. Em relação à família, eu acho que ensinamos bem os nossos filhos. Cada um tem sua formação profissional especifica, engenheiros e psicóloga. Todos os três, no entanto, são professores, o que nos chama atenção. Deve ter alguma coisa que nós criamos em casa que fez com que um engenheiro eletricista e um engenheiro civil se tornassem professores, além dos trabalhos técnicos que eles fazem. Então, eu acho que posso dizer que foram renúncias, foram coisas gratificantes, escolhas. Aquilo que eu disse antes, comecei mais tarde que vocês, mas o tempo tem sido suficiente para eu participar de bancas de doutorado de vários ex-alunos da graduação. E também de seus orientandos de mestrado e de doutorado. E então isso é só satisfação né... Bom, não sei, eu acho que não tinha me dado conta desse assunto aí que vocês tocaram... Mas eu acho que o lugar é que tem importância, não é o local. O lugar tem importância, e por isso, insisto, o lugar tem que ser estudado.

D. V.: Seria dizer assim: tudo isso que você fez tem a ver com o lugar, com a Geografia, é o seu olhar de geógrafa?

H.: Sim! tem a ver com minha vida, no meu lugar de vida, vivendo num mundo comum. E eu continuo batalhando para tentar ver como é que a professora dos anos iniciais pode

fazer isso... É um tema que é meu objeto de pesquisa. E o estudo do lugar nos anos iniciais pode dar as bases para o aprendizado de Geografia, além de contribuir com as demais disciplinas na formação das crianças.

D. V.: Para encerrar fale um pouco sobre as suas pesquisas na atualidade, temas de interesse e quais os referenciais que ocupam destaque nas suas pesquisas?

H.: Estou trabalhando agora na minha pesquisa do CNPq com a discussão das escalas de analise, exatamente para desafiar como é que se torna possível abordar o lugar no ensino e na aprendizagem da Geografia. Continuo com uma pesquisa em andamento sobre o livro didático. No livro didático eu estou trabalhando, principalmente, com a questão da cidadania, que tem sido o pano de fundo das minhas pesquisas. Fizemos uma pesquisa coordenada pelo Francisco Perez, da Universidade de Sevilla, envolvendo outras universidades, de outros países e nós aqui do Brasil (da USP de Ribeirão Preto, da UFG e eu da Unijuí), sobre formação para cidadania, que contribuiu muito com essa pesquisa sobre o Livro Didático, bem como com uma orientação com o tema sobre a cidadania oculta no livro didático. A temática da cidadania ligada aos processos de construção do espaço centraliza todas essas pesquisas e as orientações que realizo no mestrado e no doutorado. A orientação teórica pauta a definição do problema a ser estudado, mas os encaminhamentos metodológicos, estes eu posso definir como os caminhos que se faz andando. Vocês me perguntaram quais foram meus autores, minhas referências, eu citei somente dois né? Eu leio vários autores nacionais e estrangeiros que trabalham com Geografia, e com educação mas sem dúvida Milton Santos é o que me tem dado os caminhos para pensar o ensino da Geografia, a partir de seus estudos e produção intelectual.

Agradeço a oportunidade de conversar com vocês e, de me ouvindo, buscar explicações para continuar no caminho da pesquisa em ensino de Geografia, e com a preocupação de elaboração mais clara do que seja o pensamento geográfico. É sempre desafiador!